

A CULTURA HIP HOP E OS CONFLITOS EXISTENTES DIANTE DO USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE BELÉM DO PARÁ

Luana Carina Moraes Machado ¹

Sandoval dos Santos Amparo ²

RESUMO

As culturas marginais tendem a nos causar emoção tremenda pela devoção e dedicação nas quais são ornamentadas, por isso tal pesquisa pretende investigar como se dá o uso dos espaços públicos em Belém do Pará pelo movimento marginalizado da cultura hip hop, com foco nas batalhas de rima que são realizadas em diversos pontos centrais da cidade. Para dar conta desta análise, serão utilizados os conceitos de espaço e território, no intuito de embasar a prática de tais grupos, ressaltar sua importância para uma possível alternativa de combate ao avanço de um sistema esmagador, violento e homogêneo que é o capitalismo, assim como análises observacionais que nos ajudem a embasar e dar vida à cultura que vibra pela cidade e que busca a harmonia em poder fazer uso de um espaço público sem violência.

Palavras-chave: Hip Hop, Batalhas de Rima, Espaço, Território, Belém.

ABSTRACT

Marginal cultures tend to cause us tremendous emotion due to the devotion and dedication in which they are decorated, which is why this research aims to investigate how public spaces in Belém do Pará are used by the marginalized movement of hip hop culture, focusing on rhyme battles. which are held in different central points of the city. To carry out this analysis, the concepts of space and territory will be used, with the aim of supporting the practice of such groups, highlighting their importance as a possible alternative to combat the advancement of an overwhelming, violent and homogeneous system that is capitalism, as well as as observational analyzes that help us base and give life to the culture that vibrates throughout the city and that seeks harmony in being able to use a public space without violence.

Keywords: Hip Hop, Rhyme Battles, Space, Territory, Belém

¹Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará – UEPA
luanamoraes.geo@hotmail.com;

² Professor da Universidade do Estado do Pará; sandoval.amparo@uepa.br.

INTRODUÇÃO

Há mais de uma década, passei a notar o crescimento e o nascimento de personagens periféricos em Belém que se destacavam na arte de fazer rima, e no quanto as batalhas os motivavam a estarem cada vez mais preparados e presentes para os desafios que surgiriam diante de seus olhos. A diversificação de modalidades, campeonatos, representantes locais levando a cultura e a identidade paraense para fora do estado, levou-me a notar o grande espraiamento e proporção que a cultura estava ganhando na cidade e fora dela, mudando vidas, dando esperança e tirando da solidão das políticas públicas que não atingem os jovens periféricos que dão vida a essa cultura tão rica, potente e vibrante que tem ecoado de espaços públicos dentro de Belém.

Tal pesquisa se alimenta da sagacidade dos integrantes de um movimento periférico que (re)existe dentro da cidade de Belém do Pará e que reúne jovens em sua maioria pretos e periféricos que vivem em lugares sem assistência e sem incentivo do poder público em ações que vise atividades de lazer e crescimento pessoal e profissional para esses jovens que encontram na cultura hip-hop um meio para ascensão e fuga de uma realidade que nem sempre é benéfica para essas pessoas. A pesquisa científica em Geografia se torna instrumento de ação prática na luta pela manutenção e criação de políticas públicas voltadas para esses jovens e agentes atuantes na resistência de movimentos ancestrais e culturalmente imprescindíveis para uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

O principal motivo que move esta pesquisa é a relação do uso dos espaços públicos de Belém de Pará com os conflitos existentes diante da cultura hip-hop como sendo uma cultura periférica e historicamente excluída de diversas formas por diferentes agentes sociais que silenciam uma cultura ancestral e rica que salva vidas diariamente dentro das periferias do país. Ao desmembrarmos em etapas específicas, esta pesquisa visa fazer um levantamento das práticas culturais do movimento hip-hop em Belém buscando compreender as ritualidades e práticas realizadas nos espaços públicos da cidade e em seguida, analisar as relações de violência e de conflitos existentes dentro do movimento cultural, buscando entender os mecanismos que geram tais conflitos.

Propomos analisar o uso dos espaços públicos pelas batalhas de rima em Belém, por grupos invisibilizados socialmente, que atuam nestas áreas em busca de manifestar-se enquanto

agentes de produção artística, cultural e de conhecimentos ancestrais (ou não) contra hegemônicos.

Inicialmente, tal análise visa fazer o levantamento introdutório da movimentação e dos usos dos espaços públicos mencionados por grupos do movimento hip hop que frequentam tais áreas na cidade através da realização de um campo exploratório, visando observar o fenômeno *in loco*, fazendo da realidade empírica o ponto de partida para mapear o movimento do qual estes agentes fazem parte (ou se inserem).

No que concerne às etapas da pesquisa, o esboço inicial para o encaminhamento das etapas se dará primeiramente pelo levantamento teórico e bibliográfico que faça uma discussão mais geral dos conceitos-chave que vão ser usados na pesquisa, baseado em autores como: Santos (2000); Castro, I. E.; Gomes, P. C.; Corrêa, R, L (2012); Carlos (2017); Spivak (1942); Massey (2008); Foucault (2002); dentre outros autores que dão suporte teórico-intelectual ao curso desta investigação.

Posteriormente, foram realizadas idas a campo para melhor compreender a dinâmica dos espaços públicos que são o objeto de análise desta pesquisa. Da maneira mais objetiva, foram realizadas idas à Praça da República e ao Mercado de São Brás, para o levantamento através da técnica de observação assistemática (Prodanov e Freitas, 2013), de quais grupos frequentam tais espaços, com o objetivo de mapear quem são esses atores sociais que marcam presença nestes espaços públicos analisados nesta pesquisa.

Esta pesquisa se filia a uma geografia comprometida com os impactos sociais na execução de culturas invisibilizadas dentro da cidade de Belém do Pará. Todo o nosso esforço será focado em ouvir os sujeitos da ação, como atuantes e modificadores do espaço tido como “cartão-postal” da cidade. Tendo em vista tal abordagem, os sujeitos da ação terão um espaço importante no caminhar da pesquisa, tendo como base os discursos e análises dos envolvidos para esclarecer os principais questionamentos do trabalho com ênfase na subjetividade do agente envolvido no cerne da ação desta pesquisa, os grupos subalternos. A pesquisa tem como foco, ainda, o confronto entre a realidade vivida pelos agentes marginalizados nos espaços já destacados, com os discursos dos agentes hegemônicos, como o Estado e governantes locais, que ao erguerem tais espaços, fizeram-no dentro de uma lógica alicerçada ao seu uso do espaço por (somente) determinados grupos socialmente aceitos nos espaços públicos da cidade.

No contexto da sociedade atual, onde lida-se com um sistema capitalista altamente consolidado e excludente, iremos debruçar-nos no desafio de compreender essa estrutura e alicerçá-la a forma como os movimentos sociais marginalizados são tratados dentro do ambiente urbano, principalmente na metrópole estudada, Belém do Pará. Numa era onde tudo é convertido em mercadoria, com o espaço urbano essa dinâmica não é diferente, o que por si só, já nos leva a entender que pelo uso do espaço urbano não comercial pelo movimento social, já o converte em uma conduta não capitalista e que deve ser apagada/silenciada de alguma forma através de mecanismos nem sempre visíveis.

Ao analisar o uso dos espaços públicos pelas batalhas de rima, que fazem parte da cultura hip-hop (muito consolidada em Belém e região), nota-se que o movimento não faz uso de violência, agressividade, ou qualquer outra atitude que justifique o silenciamento das rodas de rima por parte dos grupos hegemônicos (representados nesta pesquisa como agentes de segurança pública, agentes do alto escalão social, classes sociais elevadas, etc), muito pelo contrário, são culturalmente instigantes, incentivadoras e motivadoras de muitos jovens (homens e mulheres) a buscarem o melhor de si diante de conhecimento e técnicas para se destacarem nas batalhas, visando o crescimento pessoal, intelectual e profissional a cada batalha.

METODOLOGIA

A instrumentalidade adotada neste trabalho para que sua execução seja viável se constrói em etapas, sendo a primeira delas baseada na observação do movimento cultural das batalhas de rima pela cidade de Belém do Pará, tal prática observacional se assemelha dentro da metodologia do tipo de pesquisa descritiva, conforme pontua Prodanov (2013):

“Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação”. (PRODANOV, 2013, p.52).

Com o objetivo de entender como as batalhas de rima se davam na cidade, foi feita esta observação tanto em meio físico quanto em ambiente virtual, já que notamos grande movimentação por parte dos fazedores de cultura, dentro do ambiente virtual, através de redes

sociais como Instagram e grupos de Whatsapp, no intuito de realizar agendamento de batalhas na cidade, sempre fazendo uso de um espaço público central como ponto de encontro dos e das MCs que dão vida a esta cultura rica e diversa que ganha cada vez mais adeptos na cidade.

A observação também nos instrumentalizou no quesito de compreender a natureza e a frequência com que as batalhas se davam, fazendo-nos compreender que os rituais e encontros de rima em Belém se davam praticamente de forma diária, sempre em um determinado ponto turístico e central a cada bairro, nos levando a notar que a ocupação dos espaços públicos pelo movimento de fato era algo comum entre todas as batalhas.

Em etapa posterior a observação, foi realizado um levantamento teórico para dar base ao que foi levantado em campo primário, visando a instrumentalização teórica de tudo que foi absorvido, sendo os conceitos-chave que nos dão substrato nesta pesquisa, os de espaço e território.

REFERENCIAL TEÓRICO

De um ponto de vista estritamente teórico, este trabalho se concentra em duas categorias geográficas: Espaço e Território, porque nelas se circunscrevem os elementos que ditam normas e comportamentos sociais aceitos nos moldes de uma sociedade colonial, que segrega e limita a expressividade e os saberes de grupos periférica e marginalmente inseridos, sob a tutela de uma lógica hegemônica e dominante. Outras lógicas, contudo, (re)existem e suas práticas e ritos consistem em um universo discursivo que os inscreve como regimes de verdade, podendo por isso ser ouvidos e analisados, em busca do respeito social.

“Longe de ser algo irrelevante, a colonialidade é um resíduo irredutível de nossa formação social e está arraigada em nossa sociedade. Manifestando-se das mais variadas maneiras em nossas instituições políticas e acadêmicas, nas relações de dominação/opressão, em nossas práticas de sociabilidades autoritárias, em nossa memória, linguagem, imaginário social, em nossas subjetividades e, conseqüentemente, na forma com produzimos conhecimento”. (CRUZ, 2017, p. 15).

Caracterizando-se como uma manifestação cultural que se insere na contramão da cultura hegemônica e colonial, a cultura hip-hop, onde se encontram as batalhas de rima, são elementos de resistência e de contracultura que geram uma carga de saberes, ensinamentos e histórias que se escrevem na história nativa de onde se praticam, criando-se uma nova

perspectiva de ver e viver o mundo, uma forma de vida não colonial, de riqueza imensurável para a humanidade e principalmente para esses jovens periféricos que se doam ao movimento.

O levantamento teórico e bibliográfico realizado foi pensado no intuito de que que faça uma discussão mais geral dos conceitos-chave que vão ser usados na pesquisa, baseado em autores como: Santos (2000); Castro, I. E.; Gomes, P. C.; Corrêa, R, L (2012); Carlos (2017); Spivak (1942); Massey (2008); Foucault (2002); dentre outros autores que dão suporte teórico-intelectual ao curso desta investigação que trata de conceitos como poder, hegemonia, marginalizados, globalização, dentre outros.

A categoria espacial é a base da percepção geográfica do mundo e neste trabalho não é diferente, mas ao nos aprofundarmos em uma proposta teórica advinda da autora Doreen Massey, no seu livro “Pelo espaço” (2008), conseguimos nos identificar com a perspectiva de que o espaço e a representação, elementos comumente associados, mas que precisam de uma atenção especial para não serem generalizados ou até mesmo esquecidos na teia de outros conceitos mais perceptíveis. O espaço desta forma deve ser investigado dentro de uma perspectiva da fabricação de realidades, de mecanismos que atuam nesta modelação e construção de uma visão de mundo, de uma história/geografia dos povos e dos lugares, pois são essas construções que vão ficar alicerçadas ao tempo, essas são as resistências a um sistema global que tende a fazer um esmagamento daquilo que não se adequa ao seu modelo perverso de reprodução.

“É o que estou chamando de espaço como a dimensão de trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de estórias-até-agora. O espaço como a dimensão de uma multiplicidade de durações. O problema tem sido que a velha cadeia de significado-espaço-representação-estase continua a exercer seu poder”. (MASSEY, 2008, p. 49).

Massey reitera sua análise acerca do espaço e suas dimensionalidades práticas, ao citar Laclau (1990), onde ele reafirma que “a espacialização equivale à hegemonização: à produção de um fechamento ideológico, uma configuração do mundo essencialmente desarticulado como algo coerente”. (p. 49). A análise espacial alicerçada à compreensão do que é a representação, nos será de grande contribuição, pois conseguiremos enxergar o quanto de poder de práticas hegemônicas dos estados/agentes sociais que determinam as regras gerais aceitas normalmente, está alicerçado dentro dos espaços nos quais iremos nos debruçar na cidade de Belém do Pará, usados por grupos contra hegemônicos.

Segundo Raffestin (1993), o espaço é uma categoria que precede a categoria de território, e essa categoria também nos é relevante, pois ela representa a cultura, a resistência e a territorialidade desses grupos que fazem uso de uma linguagem (corporal, física, emocional, social, histórica, epistêmica) própria, atribuindo-lhes identidade coletiva de pertencimento aos locais nos quais atuam e vivenciam suas experiências:

“Não se trata, pois, do ‘espaço’, mas de um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico. Portanto, o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, do território visto e/ou vivido. É em suma, o espaço que se tornou território de um ator, desde que tomada numa relação social de comunicação”. (RAFFESTIN, 1993, p. 147).

A grande questão aqui apresentada é a relação que existe entre o grupo marginalizado do movimento hip hop que atua em Belém, não mais somente no Mercado de São Bráz, mas sim, em espaços públicos da cidade, a partir de uma dispersão da Batalha de São Bráz (que foi pioneira na cidade), em diversas outras que ocorrem em bairros periféricos, e a sua relação com o poder público, representado pelos agentes hegemônicos e principalmente pelas forças policiais que de início, atuaram com bastante pressão e até mesmo violência diante dos sujeitos que manifestavam seus pensamentos críticos em forma de rima acerca da realidade social enquanto sujeito marginalizado em diversos aspectos de sua vida, no início da Batalha de São Bráz. A forma como esses grupos se apropria dos espaços (ditos) públicos e passam a manifestar suas culturas e coletividades ali, logo se deparam com a turbulência jurídico-política de serem de um movimento negro, periférico e de alto teor de criticidade às instituições que comandam a sociedade. Segundo Haesbaert (2004) *apud* Marques e Fonseca (2020), observam-se três vertentes específicas da noção de território, em cada uma delas os grupos sociais recebendo uma consideração distinta:

“O território é um subproduto da produção do espaço, se estabelece a partir da materialização da sociedade e pode se apresentar de duas formas, simbólico (apropriação) e funcional (dominação), nesse contexto, Haesbaert (2004) agrupa noções de território em três vertentes: política ou jurídico-política, em que as relações de espaço e poder são institucionalizadas, o território é visto como um espaço delimitado e controlado; cultural ou simbólico-cultural, prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva em que o território é visto como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação a um espaço vivido; e econômica, em que o território é uma fonte de recursos incorporados no debate entre classes sociais e na relação capital-trabalho. Haesbaert (2007) destaca ainda que desde sua origem, o território está ligado a ideia de poder”. (MARQUES e FONSECA, 2020, p.34).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos o território usado nas batalhas de rima e o movimento hip-hop na cidade de Belém, nota-se que de fato há uma conexão dos seus agentes diante do espaço onde eles ocupam para realizarem seus rituais e manifestações culturais, o que se exprime nas suas diversas dimensões territoriais. Contudo, é uma territorialidade móvel, caracterizada pelo deslocamento entre diversos pontos dentro da cidade em diferentes tempos, em um movimento cíclico que se repete semana a semana, porém sempre nos mesmos locais, obedecendo uma certa ordem de batalhas em espaços públicos pré-determinados e que dão nome as batalhas que são realizadas na cidade. A exemplo disso, temos a Batalha da República, que geralmente ocorre no primeiro domingo de cada mês, deslocando os agentes atuantes no movimento da cidade e do interior do estado a se reunirem em uma das maiores batalhas que acontecem na cidade.

Imagem 3: Batalha da República 2 de julho de 2023



Fonte: Reprodução redes sociais

Já nas quartas-feiras, ocorre a Batalha do Crematório, realizada no espaço público da Praça do Dalcídio Jurandyr, no bairro da Cremação em Belém, onde os adeptos do movimento hip hop se deslocam pela cidade até o local onde a batalha vai ser realizada naquele dia, independentemente das condições climáticas (como chuva e alagamentos frequentes nas redondezas da Praça do Crematório -como é conhecida-), o grupo sempre se reúne neste mesmo espaço público para realizar suas tradicionais batalhas de rima.

**Imagem 4:** Flyer de divulgação da Batalha da Cremação 6 junho de 2023

Fonte: Reprodução redes sociais

Assim como essas duas batalhas expostas anteriormente ocorrem com assiduidade, existem diversas outras que marcam presença quase que cotidianamente dentro desses espaços públicos de Belém, como a Batalha do Can, que ocorre no espaço público do Centro Arquitetônico de Nazaré; Batalha do Portal, realizada no Portal da Amazônia; Batalha da Condor, realizada na Praça Princesa Isabel; Batalha de São Cristóvão, realizada na Praça São Cristóvão; Batalha da Dorothy Stang, realizada na Praça Dorothy Stang; dentre outras que ocorrem na Região Metropolitana de Belém (RMB).

Todas elas são realizadas dentro de espaços públicos da cidade e que recebem semanalmente, jovens pretos, periféricos, comunidade LGBTQIAPN+, que buscam e encontram no rap, uma salvação cotidiana, manifestada pela ocupação/territorialização das batalhas de rima em diversos pontos, mas que representam uma territorialidade móvel, como descreve Haesbaert (2004): “(...) territórios-rede, mais envolvidos pela fluidez e a mobilidade” (p.6), uma forte conexão dos seus agentes com a sua ocupação naquele determinado espaço físico que serve de substrato para a consolidação de uma ritualidade ancestral representada por uma jovem geração engajada na luta por manter o seu movimento e a sua representatividade vivas e forte dentro da cena cultural não só de Belém, mas do Pará como um todo, sempre ressaltando as origens do movimento aliado ao povo preto e periférico das cidades marginalizadas do mundo como um todo.

Tal conexão que ressaltamos que tais agentes possuem com seus territórios de encontro para a realização das batalhas de rima, podemos chamar com base em Lefebvre *apud* Haesbaert (2005), de uma *apropriação* do espaço público, que é uma forma de uso do espaço voltado para sua face mais simbólica, de uso não capitalista, um uso cada vez mais difícil de se realizar na sociedade atual que transforma tudo em mercadoria.

“Segundo Lefebvre, dominação e apropriação deveriam caminhar juntas, ou melhor, esta última deveria prevalecer sobre a primeira, mas a dinâmica de acumulação capitalista fez com que a primeira sobrepujasse quase completamente a segunda, sufocando as possibilidades de uma efetiva “reapropriação” dos espaços, dominados pelo aparato estatal-empresarial e/ou completamente transformados em mercadoria”. (HAESBAERT, 2005, p.6775)

Um uso não voltado para fins lucrativos, não voltado para a geração de desigualdades, um fim voltado para um recomeço de trajetórias e histórias, um uso voltado para apoiar e erguer o outro e a todos rumo a um espaço dentro da sociedade desleal em que vivemos, estas são algumas das formas mais tangíveis que as batalhas de rima proporcionam para aqueles que as assistem e acompanham.

Essa execução quase que cotidiana desse movimento, gera um uso do espaço vivido que resulta em uma lógica que é totalmente contrária à lógica dominante, e por conta disso, talvez, o movimento tenha sofrido tantas turbulências diante do poder público até conseguirem se realizar de forma “livre” e espontânea como ocorrem atualmente. Tal enfrentamento que o movimento sofreu/sofre diante do poder público, representado pelos agentes de segurança pública em sua maioria (Polícia Militar e Guarda Municipal por exemplo), é uma representação de como as engrenagens do capitalismo são pensadas para serem executadas de forma sutil, na tentativa de evitar ameaças e riscos, sob a forma do que Foucault chamou de biopoder.

“A burguesia não se interessa pelos loucos, mas pelo poder; não se interessa pela sexualidade infantil, mas pelo sistema de poder que a controla; a burguesia não se importa absolutamente com os delinquentes nem com sua punição ou reinserção social, que não têm muita importância do ponto de vista econômico, mas se interessa pelo conjunto de mecanismos que controlam, seguem, punem e reformam o delinquente”. (FOUCAULT, 1979).

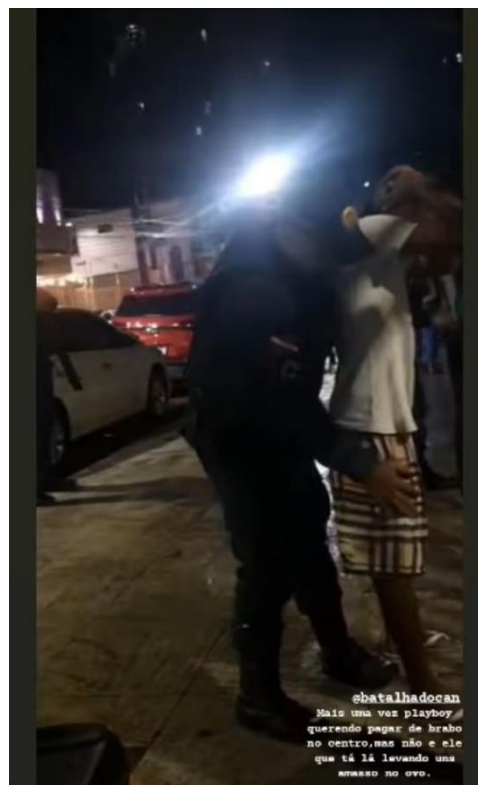
São esses tais mecanismos do controle do poder, suas ramificações que gerenciam o corpo social a partir de um lugar privilegiado que é ocupado pela burguesia, pelos agentes hegemônicos que através dos seus mecanismos, reprimem e tentam silenciar movimentos contra hegemônicos, como o hip hop é feito em Belém, por vezes com uso de violência física (como já ocorreu com uma frequência muito maior), e por vezes através de uma violência



silenciosa, mas que visa o apagamento da existência desses grupos por meio de políticas públicas que não os atingem, da visibilidade que não lhes é dada pela mídia, pelos olhares preconceituosos que lhes reprimem, pela falta de acesso a determinados espaços públicos privados que não foram erguidos para eles, assim como uma série de engrenagens que impedem esse grupo de se tornar vivo, grande e com o poder de transformação social com possibilidades de proporcionar algo para além do capitalismo, o que amedronta a burguesia controladora e a faz agir de tal forma.

Essa reflexão nos leva a associar que os sujeitos atuantes dentro do movimento hip hop, são alvos desse tipo de construção social no qual os leva a não serem vistos como iguais diante do corpo social, devido a sua inquietude com a realidade, seus questionamentos ferozes às instituições de poder e até mesmo, a sua forma de vestir e de se comportar. Ao se criar um estereótipo de um grupo social, automaticamente se leva os agentes que atuam no movimento a servirem de alvo dentro da complexa teia de relações e de poder do ambiente urbano, e em sua grande maioria, acabam por se distanciar do seu tão sonhado e disputado direito à cidade.

Imagem 5: Polícia militar enquadra integrantes da Batalha do Can (10/08/23)



Fonte: Redes sociais



“@batalhadocan Mais uma vez playboy querendo pagar de brabo no centro, mas não é ele que tá levando um amasso no ov*”- relata um dos integrantes do movimento da Batalha do Can, que foi enquadrado pela Polícia Militar no dia 20 de agosto de 2023, quando estava sendo realizada a tradicional roda cultural do Can, no bairro de Nazaré em Belém, tido como de classe média alta. Um outro relato chama a atenção pelo potencial da fala do membro do movimento que se indignou ao ver seus amigos passarem por uma abordagem policial após supostamente um morador de um prédio ao lado do Can, ter reclamado do movimento fazer uso daquele espaço público em específico:

Imagem 6: Relato de uma integrante da roda cultural após o enquadramento de integrantes da Batalha do Can



Fonte: Redes Sociais

"Cara tu acorda e vê os stories do teu amigo @_clacksun_0 e já fica p*t@ pela manhã. Ontem rolou um enquadro de 1h para parar a galera @batalhadocan, tudo por causa de um cara racista desembargador que ficou 'intimidado' pela roda cultural da galera na praça. Mano até quando isso, artista não é bandido. Preto não é bandido. É surreal que não é a primeira e nem a última vez... Quem puder dá uma força @batalhadocan, a resistência continua. Detalhe: um deles foi levado pra delegacia" (Suellem [nome fictício], 10 de agosto de 2023). No relato da

integrante da roda cultural, além de sua clara indignação por parte do movimento que comumente se realiza nesse determinado espaço público, algumas palavras destacam a estereotipização anteriormente ressaltada e que se faz muito presente dentro do movimento hip-hop e das batalhas de rima na cidade de Belém, como “Preto não é bandido”, ressaltando uma infeliz rotina que os jovens integrantes das batalhas da cidade sofrem cotidianamente por parte do poder público e sociedade, o recorte racial que permeia o movimento, de origens pretas, feitas pelo povo preto como forma de ressaltar uma cultura e ancestralidade ricas criadas por este povo responsável por erguer praticamente todo o desenvolvimentismo do mundo ocidental.

Outra fala da integrante também chama a atenção: “artista não é bandido”, resalta ainda a jovem que além de relatar uma dificuldade enorme dentro do movimento alicerçado à questão racial, a questão artística também se faz presente como sendo um estereótipo cravado no movimento, porém, visto como algo pejorativo ou diminuído dentro dos padrões dominantes na sociedade.

Tal episódio de violência urbana que atingiu e atinge o movimento hip-hop e os integrantes das batalhas de rima em Belém, é um símbolo de como o movimento por vezes, é visto pela maioria da sociedade que não conhece o movimento, que não os enxerga dentro dos espaços públicos da cidade, que não os vê dentro dos espaços midiáticos locais, que inclusive em nenhum veículo de comunicação local, a violência sofrida pelos Mcs foi tornada pública. A estereotipização dos integrantes do movimento hip-hop é algo sistêmico, presente em diversos setores e camadas sociais que ao longo do trabalho visamos descortinar e tornar tais mecanismos mais visíveis para o movimento e para a sociedade como um todo, de modo a acolher e fortalecer a arte feita por esses jovens, e não a deixar morrer diante de mecanismos hegemônicos que tentam ocultar e matar toda a vida existente dentro da arte e de tudo que ela toca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo o sistema colonial capitalista sendo extremamente forte e aparentemente infundável, os grupos marginalizados socialmente possuem uma força que vai de contra os poderes hegemônicos que ao longo de séculos moldaram e criaram o sistema segregador e altamente desigual que temos hoje, e mesmo com a força política, policial, educacional, cultural, e dentre outras esferas de controle social que existem e manipulam o cotidiano social,

aqueles que lutam pela sua visibilidade e seus direitos seguem ativos e protestantes diante de toda segregação que lhes é imposta há séculos, dia após dia, como ressalta Ribeiro e Prazeres (2015):

“Não há a possibilidade de se pensar em universos que não se comunicavam, ao contrário, o sistema colonial (capitalista) realizou com o êxito a globalização que, contudo, não supõe simetria no diálogo, mas exploração e dominação. Ainda assim, os dominados não são passivos na recepção do que lhes é imposto. Como disse Derrida, inéditas diferenças são produzidas para além daquelas pré-definidas e, quando menos se espera, as resistências se dão nas reinvenções e nos entre lugares.” (RIBEIRO; PRAZERES, 2015, p.37).

Os movimentos urbanos na cidade de Belém têm conquistado metas importantes ao longo de sua luta por reconhecimento e visibilidade, contudo, às custas de muita violência nas suas múltiplas formas (físicas, verbais, emocionais, psicológicas), segundo os integrantes da Batalha de São Brás que estão no movimento desde o seu nascimento. É o que as autoras Ribeiro e Prazeres (2015) chamam de hibridismos culturais, que dão notoriedade a esses grupos a partir das suas lutas ao longo de anos em um determinado espaço:

“Este movimento de desorientação reivindicando renegociações e rearticulações sociais da diferença que se dão pelos hibridismos culturais que alteram o acesso à autoridade e o direito de expressão das vozes periféricas”. (RIBEIRO; PRAZERES, 2015, p.39).

No dia 21 de março de 2023, quando é comemorado o Dia Internacional da Eliminação da Discriminação Racial, a prefeitura de Belém criou o decreto municipal de número 106.650, que autoriza o uso de espaços públicos na cidade pelo movimento cultural do Hip Hop, decisão que foi assinada pelo prefeito da cidade Edmilson Rodrigues, demonstrando que a postura que o poder público tem hoje do movimento é, aparentemente, diferente daquela de quando ele se iniciou, em meio à turbulência do poder público e da periferia que passava a usufruir de um espaço público no centro da cidade.

Entretanto, notamos que as dificuldades enfrentadas pelos grupos marginalizados da cultura hip hop em Belém não findaram com tal medida. Ainda atualmente, o público que mora no entorno dos espaços públicos em que se realizam as batalhas desaprova a presença daqueles jovens periféricos nos espaços, acionando a Polícia para encerrar com tais manifestações culturais, como se fossem situações ilegais e fora da lei que estariam sendo executadas naquele espaço dito público.

Para não concluir, esta pesquisa se faz necessária de forma continuada, para que cada vez se possa dar visibilidade, amparo e embasamento científico para elementos culturais que a



cultura globalizante insiste em esmagar e silenciar, mas que podem ser a salvação para uma outra forma de sistema não capitalista tão almejado. Viva a cultura hip-hop, uma cultura preta, periférica, rica em significados e que salva vidas que o sistema quer se desfazer.

REFERÊNCIAS

CRUZ, V. C.; OLIVEIRA, D. A. (2017) Apresentação. In: _____ (org.). Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. 1. ed. Rio de Janeiro: **Letra Capital**, p. 9-14.

DOS SANTOS MARQUES, Ana Carolina; FONSECA, Ricardo Lopes. A construção de territórios por mulheres negras por meio do hip hop: Aproximações teóricas. **Geografia em Atos** (Online), v. 1, n. 16, p. 20-44, 2020.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: **Record**, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora **UFMG** (2010 [1985])

Carlos, A.F.A.; Alves, G.A.; Padua, R.F. Justiça espacial e o direito à cidade. São Paulo: **Contexto**, 2017.

CASTELLS, Manuel. [1 972] A Questão Urbana. São Paulo: **Paz e Terra**, 2000

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, p. 43-72, 2012.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. A verdade e as formas jurídicas/Michel Foucault (tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novares... et al.)- Rio de Janeiro: **NAU Editora**, 2002. 160 p.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: **Petgea/artigo**: UFRGS, Porto Alegre, 2004.

HAESBAERT, R. (2010). Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, 9(17). <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 2008. 312 p.

MASSEY, Doreen B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade/Doreen Massey; tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. – Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 2008. 312p.



PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Editora **Feevale**, 2013.

RAFFESTIN, C. Por um Geografia do poder. São Paulo: **Ática**, 1993.

RIBEIRO, A. M.; PRAZERES, L. L. G. dos. A produção da subalternidade sob a ótica pós-colonial (e decolonial): algumas leituras. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 23, n. 45, p. 25–52, 2015. DOI: 10.20396/tematicas.v23i45/46.11100. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11100>. Acesso em: 28 mar. 2023.